



## Masculinidades “nossamericanas” em perspectiva interseccional

VIVEROS, V. M. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Tradução de Allyson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018. 224 p.

Cláudia Domingues Guimarães\*

Mara Viveros Vigoya é doutora em Antropologia pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris* (EHESS), presidente da *Latin American Studies Association* (LASA) e professora titular da *Universidad Nacional de Colômbia* no Departamento de Antropologia e na Escola de Estudos de Gênero. Seus interesses de pesquisa incluem relações entre diferenças e desigualdades sociais e as interseções de gênero, sexualidade, classe, raça e etnicidade nas dinâmicas sociais da América Latina.

O livro “As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América” é uma importante contribuição para o emergente campo de estudos sobre masculinidades e foi construído à luz das epistemologias pós-coloniais, atentas às particularidades da ordem de gênero no continente latinoamericano. Com esta perspectiva, a autora expressa sua originalidade, através das seguintes contribuições: 1) revisita o conceito de interseccionalidade<sup>1</sup>, atribuindo-lhe a historicidade necessária para analisar as relações de sexo, raça e nacionalidade na construção das masculinidades, a partir de autores negros da diáspora, como Frantz Fanon

\* Assistente Social. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGSS/ UERJ. E-mail: cdguimaraesrj@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2832-0108>.

<sup>1</sup> Interseccionalidade foi um conceito construído no âmbito do *Black Feminism*, estadunidense para explicar a interdependência, nas relações de poder, das interseções de raça e sexo, abordando periféricamente classe social e sexualidade. Ver a respeito Crenshaw (2002).

e William Edward Burghardt Du Bois; 2) reivindica a denominação de Nossa América, em vez de América Latina, em reconhecimento à identidade mestiça dos povos americanos, apresentando um panorama da pesquisa sobre masculinidades na região e destacando a importância da solidariedade entre os racial e socialmente oprimidos para enfrentar a desigualdade de gênero neste continente; 3) supera a polaridade entre colonizador e colonizada (o) – muitas vezes presente na literatura decolonial – analisando o conjunto de transformações históricas subjacentes à construção das masculinidades sob opressão racial e de classe, desde a colonização até a atualidade no continente; 4) critica a noção de “multiculturalismo” como uma política de estado que incentiva a diferença, desconectada do poder e da exploração de classe e 5) reelabora o conceito de “masculinidade hegemônica” (CONNEL, 1995) para o con-texto pós-colonial.

Para atingir o objetivo de repensar as experiências de masculinidades latino-americanas do ponto de vista interseccional, a autora dividiu o livro em duas partes. Na primeira, intitulada “Teorias feministas e masculinidades” aborda os pressupostos e principais vazios da teoria feminista para analisar a dominação masculina. Na segunda parte – “Masculinidades nossa-americanas” – examina os imaginários e estereótipos sobre a sexualidade masculina negra na Colômbia, em uma perspectiva histórica e a partir do ponto de vista dos próprios homens negros, confrontados com estes imaginários

No primeiro capítulo, Mara Viveros situa os estudos sobre homens e masculinidades no âmbito das teorias feministas, fazendo resgate histórico das principais contribuições a partir da segunda metade do século XX. Inicialmente, situa a importância das produções anglófonas e francófonas da segunda onda do feminismo, destacando os debates estadunidenses (centrados na dicotomia entre poder masculino / submissão feminina e diferenças psicológicas entre homens e mulheres) e das feministas materialistas francesas para análise marxista das relações de dominação masculina, através de conceitos-chave como patriarcado, divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. Na sequência, destaca o papel do *Black Feminism* e dos movimentos de liberação de gays e lésbicas, a partir da década de 1970, para o questionamento da hegemonia do homem branco heterossexual, nutrindo o surgimento dos “estudos sobre as masculinidades” nos Estados Unidos. Tais estudos contribuíram para compreender a identidade masculina como construção social e não como qualidade essencial e estática, seguindo, porém, duas orientações distintas: uma aliada ao feminismo e outra que reivindicou uma análise autônoma da masculinidade. Neste contexto, o Feminismo Negro estadunidense, para a autora, foi menos separatista, ao constituir um espaço político de alianças entre mulheres e homens negros na luta comum contra o racismo, o que trouxe importantes contribuições nas análises interseccionais das masculinidades. Por fim, a autora apresenta o papel da terceira onda do feminismo, a partir da década de

1990, para o questionamento sobre o caráter binário da heterossexualidade compulsória e o debate acerca das masculinidades sem homens.

No segundo capítulo, a autora apresenta um panorama das pesquisas sobre homens e masculinidades realizadas nos últimos trinta anos na América Latina, rastreando as ênfases e problemas privilegiados. A partir de revisão de literatura publicada entre 1980 e 1990 e da análise de artigos acadêmicos e de análise dos cinco colóquios internacionais de estudos sobre homens e masculinidades, realizados em diferentes países da região entre 2004 e 2011, identificou sete eixos temáticos principais de estudos, na seguinte ordem de quantidade: 1) identidades masculinas tendo como elementos centrais o trabalho e a dimensão étnico-racial; 2) masculinidades e violências, englobando a violência estrutural, doméstica, de torcidas desportivas, das gangues juvenis e os vínculos da violência política com o militarismo e os conflitos armados; 3) problemas e tensões em torno da saúde dos homens, com destaque para estudos sobre saúde sexual e reprodutiva e a masculinidade como fator de risco (ausência de cuidado e prevenção); 4) afetos e sexualidades, práticas homoeróticas e representações da paternidade; 5) limites epistemológicos das pesquisas sobre homens na teoria feminista; 6) representações culturais das masculinidades na literatura, revistas de alta difusão e publicidade; 7) espaços de homossocialidade masculina, destacando o papel dos bares, academias de esportes / combates e estádios de futebol na afirmação da masculinidade por meio da força, do controle e do poder.

O terceiro capítulo inicia a segunda parte do livro com a autora analisando as diferentes maneiras como os homens negros assumem os estereótipos de hipersexualização de seu corpo e que usos fazem disto na Colômbia. Avalia o impacto do repertório e performance de dois grupos musicais colombianos – Chocquibtown e Herencia de Timbiqui – para a afirmação da cultura afro-colombiana e resistência frente a alienação a que os corpos negros têm sido objeto, utilizando mistura de sons urbanos com sons do litoral do Pacífico e, tendo como estratégia, a ressignificação positiva dos atributos físicos e comportamentais dos negros subalternizados pelo preconceito racial.

O quarto capítulo explora as continuidades e descontinuidades históricas da hegemonia racial branca desde o período colonial até os dias atuais, na América Latina, produzindo hierarquias sociais, garantindo a masculinidade branca hegemônica e subordinando mulheres e homens não brancos. Segundo a autora, o interesse social e político acerca dos problemas raciais foi aprofundado, nas Américas, a partir dos anos 1990, sob pressão dos movimentos sociais e de organizações não governamentais. Destaca, porém, que os estudos estadunidenses sobre a branquidade foram alvo de críticas quanto à ênfase nas representações sociais, negligenciando a análise sobre os determinantes sociais da hegemonia racial branca. Na América Latina, por sua vez, as reflexões sobre a branquidade são pra-

ticamente inexistentes, segundo a autora, com exceção do Brasil, onde o debate acadêmico sobre o racismo resultou em políticas públicas de ação afirmativa a partir da Constituição Federal de 1988. Debate este atento ao poder oriundo da branquidade enquanto prática social, onde a masculinidade branca é um lugar (não marcado) de privilégios simbólicos e materiais, que reproduzem o sexismo e o racismo. A autora finaliza este capítulo, demonstrando como as relações sociais de sexo e raça, pelo viés da branquidade masculina, se expressam como fontes de legitimidade nas elites políticas latino-americanas (compostas majoritariamente por homens brancos), através da análise de discurso do ex-presidente Álvaro Uribe Vélez, que governou a Colômbia de 2002-2010.

O quinto capítulo aborda as relações entre a violência estrutural, simbólica, doméstica e íntima da qual têm sido vítimas principalmente as mulheres (desde a colonização da América Latina) mas também os subordinados em uma hierarquia de gênero, ocupando os homens a posição de principais agressores, através de múltiplas formas de violência. A autora critica a concepção superficial, fixa e causalista que caracteriza a violência como um traço cultural do homem latino-americano, problematizando os determinantes estruturais e a influência da longa duração da ‘colonialidade de poder’ (QUIJANO, 2000) dos conquistadores e colonizadores sobre mulheres e homens dos povos americanos. Discute também as formas de enfrentamento deste problema, analisando treze projetos de intervenção com homens para prevenir e reduzir a violência de gênero na Colômbia, desenvolvidos entre 1997 e 2010 que oscilaram entre promover mudanças comportamentais nos homens e desconstruir as hegemonias de gênero. A autora relaciona ainda recentes movimentos masculinistas de defesa da ordem patriarcal (que legitimam o aumento da agressividade contra as mulheres, culminando com o feminicídio) e as consequências da ofensiva neoliberal e da reestruturação produtiva nos países periféricos, redutora de postos de trabalho para os homens, concomitante com a inclusão feminina em ocupações precarizadas que, apesar da intensa exploração de sua força de trabalho e superposição de jornadas, permitem a provisão questionando o ‘valor social’ dos homens.

Associando domínio sobre a produção de conhecimento feminista e dos *Men’s Studies* a doses precisas de originalidade em pesquisa social, Mara Viveros nos brinda com um livro que aborda as diversas “matizes” de raça, sexualidade, classe e nacionalidade da masculinidade latino-americana, demonstrando que é possível produzir conhecimento autóctone, reelaborando conceitos de outras origens geopolíticas para o enfoque das desigualdades e contradições da “nossamérica” em perspectiva interseccional.

## Referências

CONNEL, R. *Masculinities*. Cambridge: Polity Press, 1995.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*. Ano 10, p. 171-188, 1º semestre 2002.

QUIJANO, A. *La colonialidad del poder; eurocentrismo y America Latina*. In: LANDEN, E. *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Buenos Aires: CLACSO. Perspectivas latinoamericanas, 2000, p. 201-246.

DOI: 10.12957/rep.2021.56068



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.